

**DE WALL STREET PARA O MUNDO: OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E  
REINVIDICAÇÕES DEMOCRÁTICAS NA ERA DA INTERNET**

*FROM WALL STREET TO THE WORLD: THE PUBLIC PLACES OCCUPATION AND  
THE DEMOCRATIC REINVIDICATIONS ON INTERNET ERA*

Marina Gomes de Oliveira

**RESUMO:** A ocupação denominada *Ocuppy Wall Street*, ocorrida em 2011, em Nova Iorque trouxe um novo olhar acerca da desigualdade social em um país desenvolvido e de consolidada democracia, uma vez que é o berço de uma proeminente forma de constitucionalismo. Porém, é importante perceber que este movimento ocupa um lugar junto a outros ocorridos no mesmo período na Espanha e mais tarde em 2013 no Brasil. Assim, é importante ressaltar o diálogo internacional proporcionado pela globalização a partir dos anos 80 e 90, e observar os embates que sobrevêm quanto à ideia da democracia representativa neste espaço, tendo o movimento de *Wall Street* como precursor disto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Constitucionalismo. Democracia Representativa. *Wall Street*. Globalização.

**ABSTRACT:** The occupation called *Ocuppy Wall Street*, which took place in 2011, in New York brought a new view at social inequality in a developed country and consolidated democracy, since it is the cradle of a prominent form of constitutionalism. However, it is important to realize that this movement takes place with others that occurred in the same period in Spain and later in 2013 in Brazil. Thus, it is important to highlight the international dialogue provided by globalization since the 1980s and 1990s, and to observe the clashes that arise over the idea of representative democracy in this space, with the *Wall Street* movement as a precursor to this.

**KEYWORDS:** Constitutionalism. Representative Democracy *Wall Street*. Globalization.

O movimento *Occupy Wall Street*, conhecido pela sigla OWS, iniciou-se no dia 17 de setembro de 2011, no *Zucotti Park*, localizado no distrito financeiro de Manhattan, na cidade de Nova York. Tendo sido convocadas inicialmente pela revista canadense *Adbusters* e inspirando-se nos movimentos da Primavera Árabe, especialmente nos protestos da Praça Tahrir, no Cairo, que iniciaram a Revolução Egípcia de 2011, as manifestações geraram uma onda de protestos nos últimos meses deste mesmo ano que se espalharam por várias outras cidades dos EUA (Boston, Chicago, Los Angeles, Portland, São Francisco, etc.), além de países da Europa e de outras partes do mundo.

As pautas do movimento possuíam um caráter difuso, expresso pelo próprio slogan: “We are the 99%” (Nós somos os 99%), que se refere à crescente desigualdade de distribuição de renda na sociedade americana entre os 1% mais ricos e o restante da população. As mídias digitais e redes sociais desempenharam um importante papel na organização do movimento, que possuía um caráter marcadamente horizontal, não contando com lideranças ou mesmo com uma orientação político-ideológica bem definida. No site não oficial [occupywallst.org](http://occupywallst.org), que ainda se encontra no ar, o *Occupy Wall Street* é descrito como

um movimento movido por pessoas que começou em 17 de setembro de 2011 na Liberty Square, no distrito financeiro de Manhattan, e se espalhou por mais de 100 cidades nos Estados Unidos, com ações em mais de 1.500 cidades em todo o mundo. A #ows está lutando contra o poder corrosivo dos grandes bancos e corporações multinacionais sobre o processo democrático, e o papel de Wall Street na criação de um colapso econômico que causou a maior recessão em gerações. O movimento é inspirado por levantes populares no Egito e na Tunísia, e tem como objetivo combater os 1% das pessoas mais ricas que estão escrevendo as regras de uma economia global injusta que está acabando com nosso futuro.<sup>1</sup>

Desde então, os cientistas políticos e sociais vem se ocupando da análise desse fenômeno e de outros que aconteceram mais ou menos pela mesma época e que compartilham as mesmas características de organização descentralizada e pautas difusas (tais como o movimento dos indignados na Espanha, os protestos contra a política de austeridade na Grécia e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil). Essas análises convergem no sentido de apontar a crise contemporânea atravessada pela democracia representativa como o pano de fundo de todos esses movimentos. No caso específico de *Wall Street*, os próprios manifestantes entrevistados apontam, em suas falas, a luta contra a subversão da democracia por políticos corruptos, corporações transnacionais e grandes bancos como os

---

<sup>1</sup> <http://occupywallst.org/about/> (tradução nossa).

principais objetivos do movimento. Trata-se, portanto, de uma reação à crise global do capitalismo, que se desencadeou em 2008 após três décadas de reformas neoliberais, aumento da desigualdade e diminuição progressiva da capacidade de resposta dos governos às demandas populares.

A democracia representativa ou indireta surgiu na Europa no contexto das revoluções burguesas, contrapondo-se ao absolutismo e propondo-se como um meio de exercício da soberania popular:

Montesquieu, em seu clássico *Do Espírito das Leis*, recomenda explicitamente que o Poder Legislativo seja confiado a duas câmaras, uma delas representativa do povo. A democracia indireta produziu a ideia do mandato imperativo, em que o mandante (povo) dita ao mandatário (representante) as instruções sobre o que deverá ou não ser defendido em seu nome (delegação), sob pena de destituição do representante se isso não ocorrer.<sup>2</sup>

Sofre críticas desde essa época, sendo uma das mais conhecidas aquela formulada por Rousseau, que foi, já no período da Revolução Francesa, um ardoroso defensor da democracia direta, considerando-a a única forma de organização política capaz de preservar a liberdade individual. Isso se deve ao fato de que, para o pensador francês, seria possível a formação de uma vontade geral que não representasse a supremacia das ideias e interesses da maioria, mas sim uma verdadeira síntese visando à promoção do bem comum. Essa concepção normativa de Rousseau, que parte da compreensão da sociedade como um corpo político dotado, dentre outros, do atributo da vontade (ideia já defendida por Hobbes), apresenta, desde o ponto de vista prático, inúmeras dificuldades, que vão desde o questionamento sobre o caráter utópico dessa vontade geral - impossível ou muito difícil de ser formada na prática, na medida em que a sociedade é composta por grupos que sempre tentam fazer os seus interesses prevalecerem frente a recursos limitados – até a impossibilidade de realizar assembleias reunindo todos os cidadãos, especialmente na sociedade de massas contemporânea.

A democracia representativa, a despeito da crise que ora atravessa, apresenta-se ainda como a única alternativa viável para a organização de um governo não autocrático. Para isso, faz-se também necessária a organização partidária, desenvolvida na Europa e nos EUA a partir de meados do século XIX. Nas palavras de Vânia Aieta, os partidos

---

<sup>2</sup> AIETA, Vânia S. *Democratizando a democracia: Vetores contemporâneos de aprimoramento da democracia representativa*. Porto: IBEROJUR, 2019, p. 60.

surgem como agrupamentos de convergência de interesses, como verdadeiros “clubes”, funcionando como comitês eleitorais. Nesse primeiro momento, as agremiações partidárias são vistas como antagônicas ao Bem Comum, sendo consideradas entidades dissociativas que visam à prevalência dos interesses particulares dos grupos políticos em detrimento ao interesse coletivo. Na realidade, são ferramentas poderosas de aglutinação de indivíduos com as mesmas identidades políticas, de ideias, de interesses eleitorais, que irão disputar a conquista do espaço político, notadamente o representativo.<sup>3</sup>

O momento de questionamento enfrentado pelo modelo representativo-partidário de democracia relaciona-se com o contexto da globalização econômica, no qual o poder se dissociou da política. A crise financeira global, que se iniciou com a quebra da bolsa de Wall Street em 2008, lançando em seguida ondas de choque sobre a Europa na forma do aumento do endividamento estatal, e sobre as economias emergentes na forma de volatilidade crescente do preço das *commodities* e de ameaças de recessão econômica, expôs a própria dinâmica de funcionamento do capitalismo global. Segundo Zygmunt Bauman<sup>4</sup>, se a política é a habilidade de saber o que deve ser feito e o poder a capacidade de realmente fazê-lo, então o Estado-nação está cheio de política mas cada vez mais desprovido de poder, que se evaporou em uma esfera supranacional de fluxos de capital e redes de produção globais. Isso levou à exposição de um verdadeiro paradoxo, que permeia a própria sociedade capitalista contemporânea, sendo simultaneamente a consequência inevitável do seu modo de funcionamento e sua própria condição de possibilidade: a população ainda espera que os representantes eleitos sejam capazes de ouvir às suas demandas, mas existe uma tendência crescente na direção da diminuição da capacidade e mesmo da vontade destes últimos de atenderem a essa expectativa. O que acontece na prática é que todos os líderes, sejam eles democráticos ou autoritários, tem de enfrentar a dependência do Estado-nação em relação ao processo ininterrupto de acumulação global do capital. De acordo com Daniel Sarmento,

a globalização realizou-se sob a influência do pensamento neoliberal, que preconiza a redução do tamanho do Estado, a desregulação econômica e a restrição dos gastos sociais. Até pouco tempo atrás, os Estados que não seguiam essa fórmula – apelidada de “Consenso de Washington” – eram criticados por agências internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, que lhes negavam crédito, sinalizando para que outros investidores internacionais também os abandonassem. Por outro lado, com a grande mobilidade do capital, as empresas passaram a se instalar em países que oferecessem condições mais vantajosas, penalizando

<sup>3</sup> AIETO, Vânia S. *Democratizando a democracia: Vetores contemporâneos de aprimoramento da democracia representativa*. Porto: IBEROJUR, 2019, p. 62.

<sup>4</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt. ‘Europe is trapped between power and politics’. *Social Europe Journal*, <http://www.socialeurope.eu/2013/05/europe-is-trapped-between-power-and-politics>.

aqueles em que os custos de produção – dentre os quais se computem os salários e encargos sociais – fossem mais elevados.<sup>5</sup>

Esse movimento realizou-se na contramão das conquistas do Estado social, que passaram a ser postas em xeque a partir da década de 80. Contribuíram para esse quadro a falência dos Estados socialistas, simbolizada pela queda do Muro de Berlim em 1989, além do aumento do déficit público que afetou muitos países, inclusive os de primeiro mundo, gerado após décadas de manutenção e expansão de políticas sociais e potencializado pelo aumento da expectativa de vida da população. Em relação ao primeiro fator, deve-se ter em mente que a transição do constitucionalismo liberal para o constitucionalismo social só se tornou possível graças à pressão exercida pelo modelo alternativo de organização político-social fornecido pelo socialismo. O medo da tomada violenta do poder pela revolução, como ocorreu na Rússia e posteriormente na China, levou as classes políticas da Europa e mesmo dos EUA a realizarem uma série de concessões no que diz respeito à instituição do dever dos Estados de realizar prestações positivas, especialmente na forma da garantia de direitos sociais como saúde, educação, previdência social, etc., além da criação de políticas governamentais voltadas para o fornecimento de serviços públicos que tornassem possível a efetivação dos referidos direitos.

Efetuiu-se, assim, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, a transição do modelo liberal-burguês de constituição garantia, na qual são apenas delineados a forma de organização do Estado e a divisão de competências, por um lado, e a garantia de direitos individuais e liberdades civis, por outro, para o de uma constituição dirigente, de caráter muito mais ambicioso e que visa promover a passagem das promessas de igualdade do plano formal para o material. Mesmo nos países onde o próprio texto das constituições não passou por mudanças substantivas, como os EUA, o fenômeno de mutação constitucional fez com que suas normas passassem a ser lidas de um modo mais ou menos compatível com o modelo do Estado de bem-estar social. A década de 80 trouxe, porém, como já exposto acima, uma mudança de direção nesse movimento, que se expressou através do retorno do pensamento neoliberal, sob cuja égide o fenômeno da globalização avançou. As

---

<sup>5</sup> SARMENTO, Daniel. *Direito constitucional – teoria, história e métodos de trabalho*. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2019, p. 98.

consequências de seu avanço para a própria ideia de soberania estatal não podem ser subestimadas:

O constitucionalismo moderno foi erigido a partir de um pressuposto fático, que hoje já não se verifica plenamente: o Estado nacional soberano, detentor do monopólio da produção de normas, da jurisdição e do uso legítimo da força no âmbito do seu território, que não reconhece qualquer poder superior ao seu. O Estado continua sendo o principal ator político no mundo contemporâneo. Porém, a globalização, impulsionada por avanços em campos como os transportes, a informática e as telecomunicações, diminuiu a importância das fronteiras políticas e impulsionou o fenômeno da desterritorialização do poder. Atualmente, o Estado nacional perdeu em parte a capacidade que tinha para controlar os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que atuam no interior de suas fronteiras, pois esses são cada vez mais influenciados por elementos externos, sobre os quais os poderes públicos não exercem quase nenhuma influência.<sup>6</sup>

Movimentos como o *Occupy Wall Street* só podem ser compreendidos nesse contexto, isto é, como uma manifestação de profunda insatisfação por parte da população diante de governos que perderam parte significativa de sua capacidade de implementar os programas de campanha e plataformas políticas mobilizados no momento da corrida eleitoral. A crise de representatividade contemporânea pode ser descrita, assim, como a permanente sensação, por parte dos eleitores, de que tudo não passa de um jogo de cartas marcadas, em que pouco importa qual partido ocupe o poder, visto que o limite de sua esfera de ação é marcada por restrições estruturais crescentes.

Outro fator importante para a compreensão da eclosão e expansão do movimento para outras cidades em várias partes do mundo a partir de sua origem em Nova York reside na presença, em todas essas localidades, de certas características específicas, quais sejam, a pré-existência de “experiência de movimentos horizontais e de redes de ativistas autônomas”. Essas pré-condições podem ser apontadas como presentes também em cidades que foram palco de outros movimentos com pautas e formas de organização semelhantes, tal como os *Indignados* que tomaram a Espanha em 2011, e o movimento contrário às políticas de austeridade que eclodiu em 2010 na Grécia.

No caso da Espanha, verifica-se, para além da influência sobre o movimento por parte dos protestos egípcios da praça Tahir, a pré-existência de movimentos de ocupação do espaço público ligados a reivindicações políticas, tais como o movimento *Okupa* de Madrid, incluindo *squats* e centros sociais como o *La Tabacalera* e o *Patio Maravillas*. É

---

<sup>6</sup> SARMENTO, Daniel. *Direito constitucional – teoria, história e métodos de trabalho*. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2019, p. 73.

importante apontar também para o fato de que esses espaços autônomos e centros sociais representaram uma importante fonte de experiência na prática da autogestão, um princípio político de origem anarquista que remete à ideia de democracia direta. Outras fontes de experiência de organização horizontal remetem à união anarco-sindicalista CNT, e ao movimento de assembleias comunitárias que grassou nos anos 60, tendo sido posteriormente revigorado pelo movimento dos *Indignados* após a dispersão voluntária dos acampamentos de protesto e sua subsequente descentralização em assembleias comunitárias. No movimento de ocupação da praça *Syntagma*, condições semelhantes também se verificavam, na forma da tradição grega de comunidades anarquistas, as quais se encontram entre as maiores e mais bem-organizadas da Europa.<sup>7</sup> A democracia direta, cujo ideário é explicitamente evocado pelos defensores do anarquismo, tem, segundo Vânia Aieta, é deduzida por um de seus maiores defensores, Rousseau, a partir da

assertiva de encontrar uma forma de associação que defenda e proteja qualquer membro a ela pertencente e na qual o indivíduo, mesmo se unido a todos os outros, obedeça apenas a si mesmo e permaneça livre como antes. O ataque de Rousseau ao princípio parlamentar demonstra o quanto ele considera a liberdade do indivíduo como eixo fundamental da construção da democracia. No entanto, sobre o tema, Kelsen aduz que, mesmo que a vontade geral fosse realizada diretamente pelo povo, o indivíduo só seria livre por um momento: durante a votação.<sup>8</sup>

A democracia direta se apresenta desse modo, como uma utopia tentadora em um contexto marcado pela globalização econômica, no qual os Estados nacionais vem pouco a pouco perdendo parcelas de sua soberania e a agenda neoliberal vem triunfando a cada dia, apesar das constestações que surgem a cada momento de crise gerada pela desregulação dos mercados financeiros. Não é possível, porém, viver de utopias. Apesar de suas crescentes limitações, a democracia representativa ainda se apresenta como a única forma de realizar mudanças duradouras no cenário político e social. Movimentos de ocupação de espaços públicos tais como o *Occupy*, iniciados nas redes sociais, tem nessa forma virtual de organização simultaneamente a fonte de sua força disruptiva e de seu fôlego relativamente curto. Isso é reconhecido pelo próprio ex-editor da *Adbusters*, a revista anti-consumo canadense que desempenhou importante papel na deflagração do movimento:

---

7

<sup>8</sup>AIETO, Vânia S. *Democratizando a democracia: Vetores contemporâneos de aprimoramento da democracia representativa*. Porto: IBEROJUR, 2019, p. 44.

O que aconteceu é que uma nova tática surgiu e funcionou; por isso, se espalhou. Occupy Wall Street combinou táticas usadas no Egito com as da Espanha e aplicou isso nos Estados Unidos. A polícia não soube responder a essa nova estratégia e é por isso que o movimento funcionou. Uma vez que a polícia descobre como responder, ela destrói todos os movimentos da mesma forma (...) Nos estágios iniciais, a Internet foi muito importante para os movimentos sociais. Contudo, com o tempo, passou a ser prejudicial porque as coisas começaram a parecer melhores na Internet do que na vida real (...) O protesto parecia ser melhor no Facebook do que ele era nas ruas(...) O problema é que não vemos os protestos no contexto de guerra. Nós os vemos como uma grande festa ou coisa do tipo, enquanto o outro lado percebe a importância disso. Os movimentos sociais não falharam porque a polícia era muito forte (...) Quando falhamos é porque nossa teoria estava errada e não porque o outro lado era mais forte. Não basta clicar em um link. Não basta ir às ruas. Os movimentos sociais devem ser capazes de avançar, de se organizar em partidos, vencer eleições, escrever leis, governar cidades. O que eu imagino é o nascimento de um movimento social que ganhe eleições em um país e depois comece a ganhar eleições em vários outros países. Aí você terá Podemos, Syriza ou o Movimento 5 Estrelas em cinco, seis ou dez países diferentes. É... eu realmente acho que estamos falando de um movimento social global." <sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> FLOCK, Elisabeth. Occupy Wall Street: An interview with Kalle Lasn, the man behind it all. [https://www.washingtonpost.com/blogs/blogpost/post/occupy-wall-street-an-interview-with-kalle-lasn-the-man-behind-it-all/2011/10/12/gIQAC81xfL\\_blog.html](https://www.washingtonpost.com/blogs/blogpost/post/occupy-wall-street-an-interview-with-kalle-lasn-the-man-behind-it-all/2011/10/12/gIQAC81xfL_blog.html). Tradução nossa.

## REFERÊNCIAS

AIETA, Vânia S. **Democratizando a democracia: Vetores contemporâneos de aprimoramento da democracia representativa.** Porto: IBEROJUR, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. 'Europe is trapped between power and politics'. *Social Europe Journal*,

<http://www.socialeurope.eu/2013/05/europe-is-trapped-between-power-and-politics>.

FLOCK, Elisabeth. **Occupy Wall Street: An interview with Kalle Lasn, the man behind it all.**

[https://www.washingtonpost.com/blogs/blogpost/post/occupy-wall-street-an-interview-with-kalle-lasn-the-man-behind-it-all/2011/10/12/gI0AC81xfl\\_blog.html](https://www.washingtonpost.com/blogs/blogpost/post/occupy-wall-street-an-interview-with-kalle-lasn-the-man-behind-it-all/2011/10/12/gI0AC81xfl_blog.html).

SARMENTO, Daniel. **Direito constitucional – teoria, história e métodos de trabalho.** Belo Horizonte: Editora Fórum, 2019.